

O Soldado Desconhecido: o público e o privado em Afonso Lopes Vieira

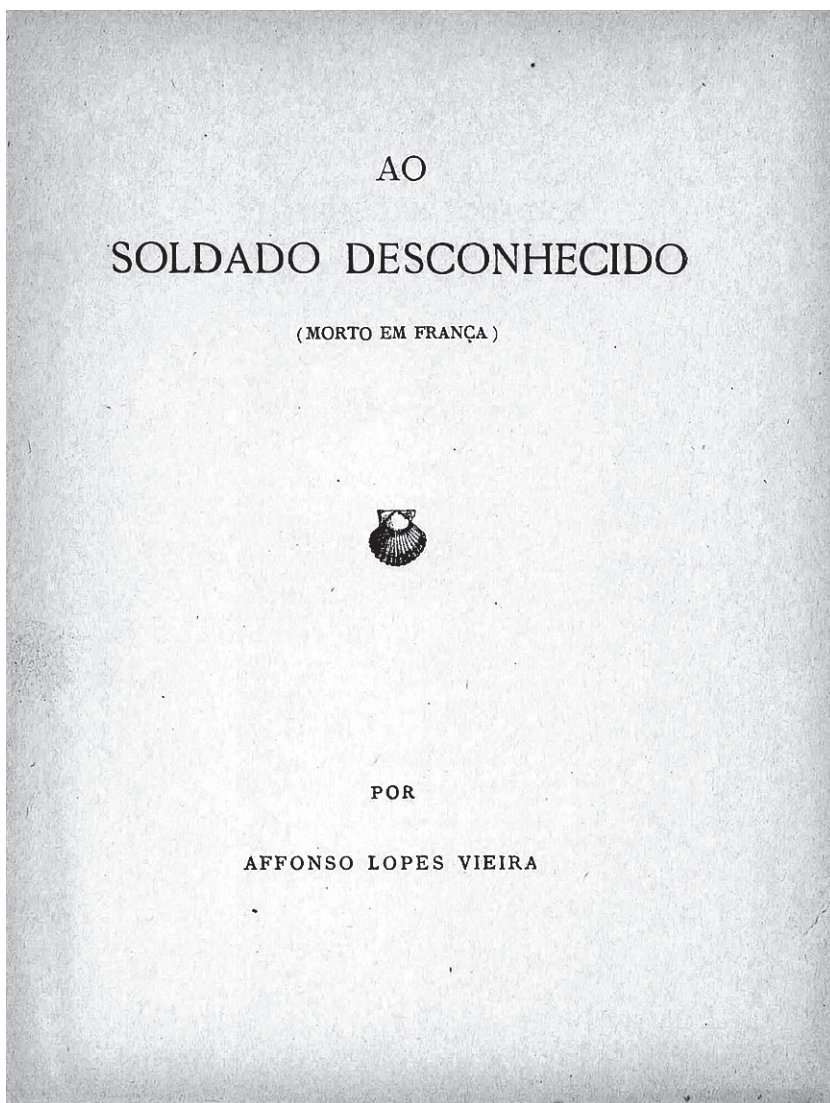
Cristina Nobre*

Em Março de 1921, o poeta Afonso Lopes Vieira vive uma experiência dolorosa com a apreensão da sua poesia “Ao Soldado Desconhecido (Morto em França)” [SD]¹, texto que o leva a ser interrogado pelas instâncias oficiais, já que o Exército se sente melindrado e retratado em algumas das referências aí feitas, tomando à letra os versos: “[...] a tua imensa / presença acusadora e aterradora / para quem te exportou como um animal, / se estenda sobre o céu de Portugal!”. Vários contemporâneos reagem a este acontecimento de um modo violento, atribuindo-lhe um significado político².

*Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPL.

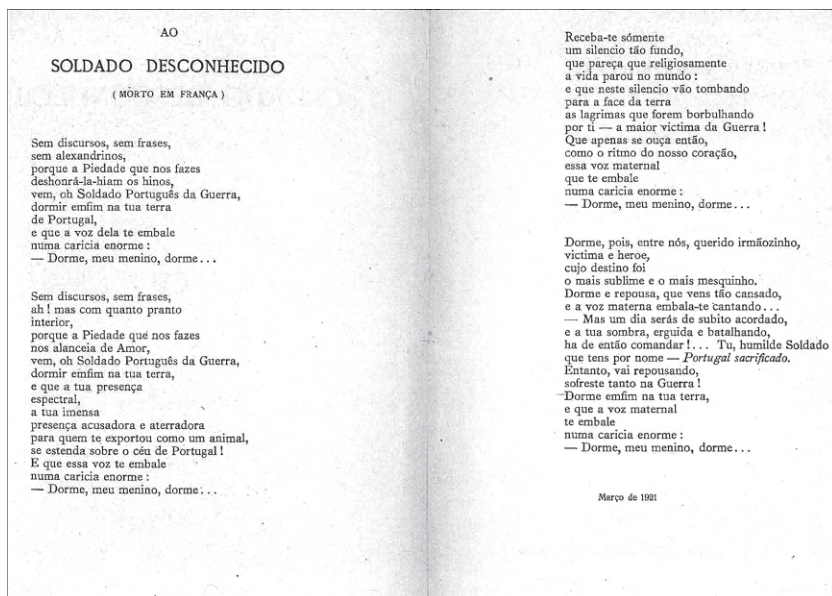
¹ Tinha sido publicada em folheto de 4 pp., pela Imp. Libanio da Silva, em Lx., em Março de 1921, e as receitas da venda destinavam-se a “um orfão da Guerra”. No *Diário de Notícias*, de 22 de Março de 1921, pode ler-se uma notícia curiosa sobre o acontecimento, causador de uma pendência entre ALV e o sr. António de Lorena Santos, oficial do exército, que reputava injurioso para o Exército português e, portanto, para si como elemento dessa instituição, o verso do poema “Para quem te exportou como um animal”. A resposta dos representantes de ALV, além de desqualificar o oficial miliciano chamando-lhe subalterno, restituía à expressão em causa a sua verdadeira dimensão literária – «[...] declaravam, no entanto, que na frase mencionada não existe a mínima intenção de ofensa para o Exército Português, mas apenas uma expressão de valor literário cujo espírito de crítica política o seu constituinte inteiramente mantém.»

² Algumas reações encontram-se entre a correspondência particular de Lopes Vieira, onde se pode ler um telegrama de António Correia de Oliveira, cartas de Augusto Gil, Teixeira de Pascoaes, Agostinho de Campos, Antero de Figueiredo, Augusto Gonçalves e Jaime Magalhães Lima. Da carta de Pascoaes, datada de 2 de Abril de 1921, destacam-se as palavras seguintes: «[...] Felicito-o, com o maior entusiasmo, pela sua bela poesia! Glorifica o martire e castiga os carrascos. É bem natural que eles *se doecem*... A alma, quando fêre, é terrível! § [...] Pobre *menino*! e pobres de nós todos os que amamos desinteressadamente a nossa Patria! Ele vae repousar na paz do tumulo e nós temos de arrastar ainda n'esta vida, com todos os crimes e infamias d'essa quadrilha de marroquinos que assaltou a velha Lusitania! Malféitores da peor especie disfarçados em ministros, senadores, deputados, filosofos, poetas, etc., etc.! [...]» [BMLALV, *Cartas* [...], vol. VI].



Capa do folheto "Ao Soldado Desconhecido (Morto em França)",
de Afonso Lopes Vieira, 1921

Mas Lopes Vieira escreverá uma carta para o *Diário de Lisboa*, intitulada "Portugal na Guerra", na sequência da entrevista "Os Mutilados da Guerra ao Abandono?", onde tenta encontrar uma explicação para a 'lenda urdida' à volta da sua poesia apreendida, e reafirma-se o poeta do *instinto da nação*, pelo que qualquer *anti-intervencionismo* lhe seria penoso:



O poema "Ao Soldado Desconhecido (Morto em França)",
de Afonso Lopes Vieira, 1921

[...] Sobre o caso da apreensão da minha poesia *Ao soldado desconhecido* direi apenas algumas palavras porque elas me são pedidas, e mantenho o proposito de não permitir que, sob minha responsabilidade, se faça com este assunto qualquer reclamo. Detido durante umas horas e interrogado no Governo Civil, onde urbanamente me trataram, ahi respondendo ás perguntas que me fôram feitas e constam do auto que assinei. § Neste incidente, em que já um jornal chegou a attribuir-me qualquer intenção menos patriótica, insinuação contra que nem vale a pena protestar porque o meu nome e a minha obra, insignificantes como são, são tambem o mais eloquente desmentido a quem pretender agredir-me por esse modo, — neste incidente, uma coisa verifico com infinito prazer moral, e é a limpidez e a calma da minha consciencia. Escrevendo esses versos, que me honro de ter escrito, prestei ao heroe a melhor e a mais bela homenagem que o meu espirito foi capaz de conceber. Esses versos estão muito acima de todas as preocupações partidarias ou sectarias, — as quaes me não interessam — porque elas são a glorificação do Povo que se sacrificou com tanto e tão belo heroismo, a saudação funebre e heroica do recém-vindo á sua terra. § E eu tenho a absoluta convicção de que nunca escrevi uma pagina mais patriótica do que esta poesia, e de

que a sua intenção pelo menos, é digna do heroe. (entrevista ao jornal *Epoca* de 19 de março de 1921, *apud* R I, f. 128 v.)

A questão vai ganhar importância suficiente para Lopes Vieira lhe dedicar mais duas intervenções na imprensa diária. Assim, o recorte do artigo encontra-se no espólio da BML, e embora a data do periódico não seja legível, os artigos referidos podem ler-se, respetivamente, no *Diário de Lisboa* de 3.^a f., 26 de Abril de 1921 e 5.^a f., 28 de Abril de 1921 [BNLx., J.4349]. Aí se pode ler:

[...] Sei que á roda da minha poesia apreendida se urdiu uma lenda que me apresenta como um feroz anti-intervencionista. É tão inexacto isso que poucos portugueses poderão documentar como eu o entusiasmo de que se possuiram quando Portugal entrou na guerra. [...] Porque, meu Deus! uma cousa é a intervenção, outra é o modo como ela se fez e o que se lhe seguiu. Para desenvolver convenientemente esta frase, seria necessario escrever um volume. Para mim, que falo e sinto pelo *instinto da nação*, seria isso impossivel [...] e [...] Se em Portugal é punivel com prisão clamar que isto [o abandono dos mutilados da guerra] é um crime — então que eu seja de novo preso e desta vez metido no mais imundo dos calabouços, de companhia com os desgraçados que aí habitualmente se encontram e com os quais espero entender-me melhor do que com tantos outros homens que representam oficialmente esta espantosa agonia da nação. [...]

Na sequência deste episódio, o desalento de Lopes Vieira perante a vida política do país e a classe dirigente intensifica-se e não o abandonará mais até ao fim da vida. Como comentará Aquilino Ribeiro, a propósito deste mesmo episódio, que se declara incapaz de compreender na totalidade e nas repercussões que terá tido no poeta:

Numa democracia, entra para a esfera do arbítrio tudo o que seja coibir ou coarctar a faculdade de assentir ou dissentir do quer que seja, desde o mais fútil ao mais sagrado.

– Foram moiros que me levaram ao Governo Civil e me confiscaram o meu poema – declarava Afonso para os amigos e o mesmo disse na dedicatória do exemplar que me ofereceu. Moiro era o espírito alieno, demagógico, espúrio, anti-português ao actuar como causa eficiente deste despautério e de tantos mais da vida nacional. (Ribeiro, [1949]: p. 322)

Reagindo ao *ataque dos Mouros* – como Lopes Vieira passa a rotular o processo difamatório e mediático que lhe é imposto – começa a refugiar-se na própria Pátria, num exílio que o deixará ainda mais isolado³, e a sentir-se marginalizado por um certo quadro institucional, como consequência das posições assumidas⁴.

Do espólio do poeta, podem extrair-se dois documentos inéditos que julgamos estar diretamente relacionados com este poema problemático e com a visita que terá feito em novembro de 1921 ao seu primo Adriano de Sousa-Lopes, já então considerado um pintor promissor, alojado num ateliê no boulevard Victor Hugo a pintar muitas das cenas vividas na Flandres, em La Lys, pela força/corpo de expedicionários portugueses, identificada pela sigla CEP.

O primeiro documento é uma carta para um dos soldados que viveu as atrocidades da Guerra, o mesmo a quem se dirigiu no poema *Ao Soldado Desconhecido*, e que agora é claramente nomeado como Manuel, reforçando a questão ideológica da missão patriótica e nacional e subalternizando a política republicana. O documento entra no género epistolar e faz uso de todos os recursos de familiaridade permitidos, entre os quais a ficcionalização de uma intimidade com o destinatário e sua vida afetiva e pessoal, bem como um hipotético encontro em Paris para assistir ao cortejo do Soldado Desconhecido, na Praça da Concórdia, a que se teria seguido um almoço com o poeta:



Afonso Lopes Vieira (rev. ABC, 26-01-1922), foto Fernandes Tomás

³ Em carta para Antero de Figueiredo, datada de 29 de Março de 1921, comenta do seguinte modo o incidente: «[...] O seu cartão, recebido por mim em pleno ataque dos Mouros, tocou o meu coração. [...] § Em todo este incidente, cuja parte policial foi ainda menos lamentavel talvez do q. a belicosa — a qual sofreu d'uma falta de elegancia de q. me não cabe responsabilidade — uma cousa triste, ah!, muito triste ressalta — e é q. a patria nos está exilando, ocupada como está pelo Berbere triunfante, o q. nos torna, a nós, Cristãos e Portugueses, estrangeiros nela, quasi!...[...]» [BMP, M-AF-4].

⁴ É o que acontece, por exemplo, com a sua defesa de um certo património português em risco de desaparecimento, como foi o caso do Arco de Almedina, o que lhe vale sempre uma sensação desconfortável de excomunhão. Em carta para Antero de Figueiredo, datada de 8 de Maio de 1921, comenta: “[...] Tenho muito prazer em lhe responder, na ocasião mesmo em q. a bravía Mourama da Camara Municipal de Coimbra lança contra mim, a proposito dos meus artigos em defesa do Arco de Almedina, a mais grotesca, inconcebivel, tremenda e imbecil das excomunhões! [...]” [BMP, M-AF-4].

Carta ao Soldado a quem são dedicados os versos q. seguem.

Meu caro Manuel — Não sei se já estás na tua terra e se já te casaste com aquela rapariga de quem me falaste. Se estás, desejo q. sejas muito feliz porq. fiquei teu amigo desde o dia em q. vimos juntos o cortejo do Soldado Desconhecido, na Concordia.

Encontrámo-nos de manhã, um pouco arripiados com o frio, e almoçámos nos Campos Elíseos. Falámos da Guerra, de q. me contaste algumas cousas q. me ficaram para sempre no coração através das tuas palavras simples. Falámos de Portugal. Falámos da tua terra e da tua família, q. ha dois anos não vias. Vimos o cortejo no meio do povo e subimos depois com ele até ao Arco. Os Soldados franceses olhavam-te e alguns diziam alto: — *Un bersagliere!* — *Cuidam q. sou dos italianos*, dizias-me tu sorrindo. Como não quiseste jantar comigo (desconfio q. não quiseste porque tinhas namôro) fui abancar sózinho num restaurante e começou então a cantar-me na cabeça esta cantiga q. te envio, recortada de um jornal. O *Manuel* q. lá está és tu, meu amigo, e é por isso q. te mando esta lembrança.

Lê-a à tua família, a quem peço me recomendes, e sobretudo à tua noiva ou tua mulher, q. ha de achar graça à recordação. Adeus e recebe um abraço apertado deste teu amigo verdadeiro.

P. S. Onde está q. “foste vendido” não quer dizer q. eu acredite naquele dito q. andou no povo, de q. por cada um de vocês havia quem recebesse uma libra. “Vendido” quer dizer q. pela republica e não pela Nação te mandaram; tu bem o sentias e batendo-te bem, foste heroe duas vezes.
Janeiro de 1921.



/ Fiquei teu amigo, primeiro porq. eras um soldado da minha patria; depois, sobretudo, porq. eras um homem do povo a quem a

(BMLALV, B43, n.º33396, *apud* Nobre, 2005 II, pp. 468-469)

Este inédito leva-nos a fazer a ligação com um outro poema, também inédito – 'No dia do Poilu Inconnu' (BMLALV, C17, n.º 33816) – de 11 de Novembro de 1920:

No dia do "Poilu Inconnu"

Ao antigo soldado do C. E. P., meu companheiro nêsse dia.

O mais ignorado
e desconhecido
dos que foram à guerra,
és tu Manuel de Portugal,
pobre Manel da minha terra,
que fôste exportado,
que fôste vendido
e não morreste por teu mal,
como o Sem Nome que vai ser erguido
ao alto da Étoile!

Lá em baixo, naquela
nossa terra
– tão bela! –
mulatos e moiros venderam-te a peso
e fôste p'ra a guerra;
sofreste a miséria, sentiste o desprezo,
heróico e encolhido,
bravo Manuel, de Portugal,
pobre Manuel da minha terra,
que não morreste, por teu mal,
como o Sem Nome que vai ser erguido
ao alto da Étoile!

Ah! mas ainda assim
a tua sorte é boa:
ha em Lisboa
camaradas teus
que pedem esmola por amor de Deus;
– eu vi-os, sim! –
a gente pobre dá-lhes esmola
(até os mendigos, da sua sacola)
choram, ao vê-los, as mulheres,
em automoveis passam os Berberes,
e um ou outro exilado
como eu, fica pálido e transido...
Ouves Manuel? que fôste exportado,

que foste vendido
e não morreste por teu mal,
como o Sem Nome que vai ser erguido
ao alto da Étoile!

Vem de aí comigo,
com essa farda bem abotoada;
Manuel, meu amigo,
vamos ver as festas do teu camarada,
entre a multidão
de Paris, tão sós,
ninguém saberá de nós
nem das tristezas que por cá vão...
Serenos sós na festa dos pendões
encharcados de glória,
e sózinhos nos nossos corações
que não cantam vitória;
sós – entre os poetas e os soldados,
e ambos vencidos
daquela terra nossa onde vendidos
os Portugueses morrem de exilados!
Ambos vencidos por igual,
nascidos ambos no Desterro Azul
lá em baixo, ao sul, e ambos olhando ao alto da Étoile!...

Paris, 11 de Novembro de 1920.

Afonso Lopes Vieira.

O segundo documento, datado de novembro de 1921, também inédito, mostra-nos de novo o poeta crítico relativamente à sua posição de excluído de uma guerra, apenas a 'entrevendo' através dos sonhos ou da arte pictórica. A posição de deitado e a referência a um divã – local de criação preferencial do poeta na casa de S. Pedro de Moel – não passam despercebidos e mostram ao leitor como o poeta, de certo modo, se autoflagelava por não ter estado efetivamente no lugar do perigo e da guerra e apenas a entrever pela distância da arte e do conforto:

No "Front" do boulevard Victor
ao grande pintor Sousa-Lopes

A alva começava a clarear e, no meu vago entresonho, olhei... Estava nas trincheiras do C. E. P. Horrivel, transiu-me o frio, e recordei, chorei, aquele azul lá de longe, q. é como os beijos q. eu quero.

A lama da terra encharcava-me, e a lama do ar, quasi tão espêssa como ela, tambem.

À minha volta os camaradas, imoveis, sofriam como eu do frio, do abandono, da alva;
e entre nós estava talvez aquele q. disse q. "a gente já não eramos homens, mas só *corage!*"

E nós todos, queríamos morrer bem, sem saber por quê, nem por quem, se era pela Pátria, se era por aqueles q. nos abandonaram aqui, e se regalam.

Todos pensavamos numa Mulher, – mãe, noiva, irmã, – ou Numa q. vimos uma vez e não sabemos quem é...

– Mas subito sentimos o ataque, e desentorpecemos as almas para a morte...

... Então saí do meu entresonho, e achei-me deitado no divan dêste meu quarto improvisado no ateliê.

Paris, Novembro, 1921



Sousa Lopes, "Auto-retrato" (Museu Nacional de Arte Contemporânea)

(BMLALV, B43, n.º33396, *apud* Nobre, 2005 II, pp. 469-470)

Decididamente os *anos da graça* tinham passado, e Lopes Vieira prossegue a sua obra com uma vontade férrea de colocar os projetos pessoais muito acima de qualquer compromisso institucional, tendo o programa de ação Portugal como único patrono assumido, transformado em valor absoluto de uma causa cultural⁵.

⁵ Só o reerguer dessa Pátria moribunda continuará a tentar o poeta, e isso mesmo diz a Antero de Figueiredo, em carta datada de 10 de Fevereiro de 1922: "[...] No horror dêste ciclo em q. os invasos-

Referências bibliográficas

- **NOBRE**, Cristina (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vols. I e II, col. temas portugueses, INCM, Lisboa.
- **RIBEIRO**, Aquilino [1949] “Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento” in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais. Ensaios de crítica histórico-literária*, Livr. Bertrand, Lx., 3.ª ed., sd., pp. 271-335.

res estão prestes a dar em terra com uma Pátria q. havemos de enternecidamente reerguer, é bom q. os espíritos do mesmo som se juntem. [...]" [BMP, M-AF-4].